

ENERGIA

‘Transição energética no País é cara e injusta’

Governança falha e interesses concentrados elevam custos ao consumidor, afirma economista

A ex-diretora de Desestatização do BNDES Elena Landau afirmou que a transição energética no Brasil “é uma porcária”, por ser cara e injusta, e defendeu que o País precisa parar de “fingir” que as políticas públicas e a governança do setor elétrico estão funcionando mais ou menos.

Elena fez estas críticas ao participar do painel “Por que energia, minerais e alimentos são uma agenda nacional estratégica”, organizado em São Paulo pela Meridiana, uma organização brasileira de inteligência política.

Para ela, o problema é estrutural e passa por falta de controle, transparência e uma alocação de recursos capturada por interesses concentrados, com custos repassados ao consumidor.

Elena disse que o debate deveria começar por uma espécie de rastreabilidade das decisões públicas, com etapas claras e verificáveis. “A primeira coisa é governança”, afirmou, ao criticar a tolerância com arranjos que, segundo ela, apenas em-



TÂNIA MEINERZ/JC

Para Elena Landau, a política é desenhada para remunerar agentes e acomodar subsídios

purram problemas para debaixo do tapete.

Na avaliação da economista, o mau funcionamento da governança não se restringe ao setor elétrico e está associado à incapacidade do Estado de lidar com temas graves e gravíssimos em tempo hábil. Ela também vinculou a agenda energética ao estrangulamento fiscal. Segundo

Landau, o avanço de despesas obrigatórias reduz o espaço para planejamento e priorização, reforçando a necessidade de enfrentar a discussão sobre reforma da Previdência e o desenho do gasto público. “Não vai sobrar nada mais se a gente não fizer”, disse, ao sustentar que o debate não é apenas sobre cortar, mas sobre ordenar a alocação de re-

ursos. No setor elétrico, a economista afirmou que há “falsidade” ao se vender a ideia de uma transição energética eficiente. “Transição energética no Brasil é uma porcária. Por quê? Porque é cara e injusta”, disse.

Para Elena, a política é desenhada para remunerar agentes e acomodar subsídios, e não para atender o usuário do sistema.

“Você não pensa no usuário da transição elétrica, você pensa no condutor que vai ganhar dinheiro, no subsídio”, afirmou.

Segundo ela, o País enfrenta simultaneamente problemas de acesso e de custo da energia, enquanto a maior parte dos consumidores cativos tem pouca influência política. “Eu diria que 99,9% dos consumidores de energia cativo não estão próximos nem do Congresso Nacional, nem do governo. É um interesse disperso que perde para o interesse dos votos concentrados”, disse.

Landau destacou ainda o peso de tributos e encargos nas tarifas. “A tarifa de energia elétrica carrega 30% de tributo”, afirmou, questionando o que chama de “encargo” - despesas embutidas na conta para cobrir escolhas mal desenhadas. “Aquilo é tudo que faz, que é mal feito, você joga debaixo do tapete e finge que está tudo bem”, criticou, mencionando a pressão de lobbies por novas fontes e benefícios. Ela citou decisões que, em sua visão, pioraram a matriz, como restrições a usinas com reservatório na Amazônia, que teriam levado à expansão de térmicas. “Para não ter usina de reservatório, a gente botou térmica”, disse.

De empresas a fazendas: o que os brasileiros buscam quando pesquisam por energia solar

Economia, sustentabilidade e autonomia energética são alguns dos fatores que têm levado cada vez mais brasileiros a investirem em energia solar. Essa tendência já se reflete nos mecanismos de busca, que revelam um amplo interesse por diferentes formas de incorporar a tecnologia ao dia a dia.

Para se ter uma ideia, só nos últimos 12 meses, as buscas online por “energia solar para” mostram que a fonte vem conquistando um público cada vez mais diverso. Depois do boom das instalações residenciais, cresce a procura por soluções voltadas a empresas e fazendas — um sinal de que o alcance da tecnologia fotovoltaica vem se ampliando.

Os dados fazem parte de um levantamento realizado pela Descarbonize Soluções, energytech especializada em energia solar e transição energética, que identificou os principais tipos de imóveis associados às buscas por sistemas fotovoltaicos no Google.

O aumento da procura corporativa e rural acompanha um movimento mais amplo de expansão da fonte energética no país: segundo a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), a fonte soma 68,8 GW de capacidade instalada e já ocupa a segunda posição na matriz elétrica brasileira, com 25% de participação.

No ambiente digital, buscas envolvendo energia solar somaram mais de 4,9 milhões de idas ao Google nos últimos 12 meses — um reflexo do interesse crescente dos brasileiros em conhecer e instalar sistemas fotovoltaicos nos mais diversos ambientes.

Um bom exemplo disso é a procura por energia solar para residência, líder no ranking dos tipos de imóveis mais pesquisados. O resultado não é por acaso: segundo dados de 2025 da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), o Brasil possui mais de 3 milhões de sistemas residenciais de energia solar.

O interesse também se estende a outros formatos de moradia: buscas por sistemas fotovoltaicos para apartamentos e condomínios aparecem no ranking, mostrando que a essa matriz energética chama atenção de quem mora em diferentes tipos de ambientes habitacionais.

O levantamento, por sua vez, também mostra que a procura pela fonte solar não se limita aos ambientes residenciais — o setor corporativo também aparece entre os principais públicos interessados na tecnologia: “energia solar para empresas” ocupa a segunda posição no ranking geral de buscas. Além da redução de custos, a energia solar tem sido adotada pelo segmento empresarial como forma de reforçar o compromisso com a sustentabilidade, avançar em metas ambientais e reduzir a exposição do negócio às oscilações das tarifas de energia elétrica.

Esse interesse também se reflete no avanço da transição

energética no setor: segundo o levantamento da TTS Energia, realizado com base em balanços oficiais da Aneel, mais de 217 mil empresas passaram a contar com geração própria entre janeiro e outubro daquele ano.

Na análise do comportamento das buscas por energia solar para empresas nas diferentes regiões do Brasil, nota-se que o interesse pelo tema se espalha de norte a sul do país. Entre os destaques, a região Norte ganha espaço: Rondônia e Tocantins figuram no pódio dos estados com maior volume de buscas sobre o assunto — e ambos aparecem entre os três primeiros em geração distribuída solar na região, segundo dados de 2026 da Absolar.

O Nordeste também aparece com força no ranking, representado por Piauí, Sergipe, Maranhão e Rio Grande do Norte. Apesar da alta procura, nenhum desses estados ocupa posição de protagonismo na capacidade instalada na matriz fotovoltaica, o que

pode indicar um momento de interesse crescente pela fonte solar na região.

Já o Centro-Oeste é representado por Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, sendo este último o grande destaque da região, líder em geração distribuída solar, enquanto o Espírito Santo surge como representante do Sudeste. Por fim, o Paraná também merece atenção nesse cenário: o estado ocupa a terceira colocação nacional em capacidade instalada de geração distribuída solar, reforçando a relevância dessa fonte na matriz elétrica estadual.

“A energia solar vem ganhando espaço em diferentes setores e realidades, e o crescimento das buscas por instalações fotovoltaicas mostra que cada vez mais brasileiros enxergam a geração solar como uma alternativa para conquistar mais autonomia, eficiência e previsibilidade nos custos de energia”, comenta Milena Andrade, Gerente de Marketing da Descarbonize Soluções.